

ENTRE MEMÓRIAS E TERRITORIALIDADES A Composição da Deriva, Cartografia e História Oral na Pesquisa do Conjunto Ferroviário de Araraquara/SP

*BETWEEN MEMORIES AND TERRITORIALITIES
Drift, Cartography, and Oral History in the Study of the
Araraquara Railway Complex/SP*

Hélio Hirao¹ e Livia Moraes Garcia Lima²

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir as aproximações entre os procedimentos metodológicos da deriva e cartografia com a história oral, durante uma expedição de pesquisa ao conjunto ferroviário da cidade de Araraquara, SP. A partir do debate dos modos de identificação e reconhecimento das territorialidades das cidades e de entrevistas com moradores e antigos ferroviários, residentes em trechos férreos da antiga operação ferroviária, a pesquisa destaca que ao mapear as histórias de vida e as memórias de diferentes sujeitos, a história oral pode revelar como o espaço urbano, suas paisagens e os ambientes sociais são vividos e compreendidos de maneiras diversas. Por sua vez, a cartografia e a deriva ajudam a contextualizar essas histórias dentro de um espaço mais amplo, enquanto também possibilitam a reinterpretção dos lugares com base nas trajetórias dos sujeitos, permitindo que o indivíduo ou grupo se deixe levar pelas impressões e conexões que surgem ao percorrer lugares.

Palavras-chave: deriva, cartografia, história oral, memória, subjetividade.

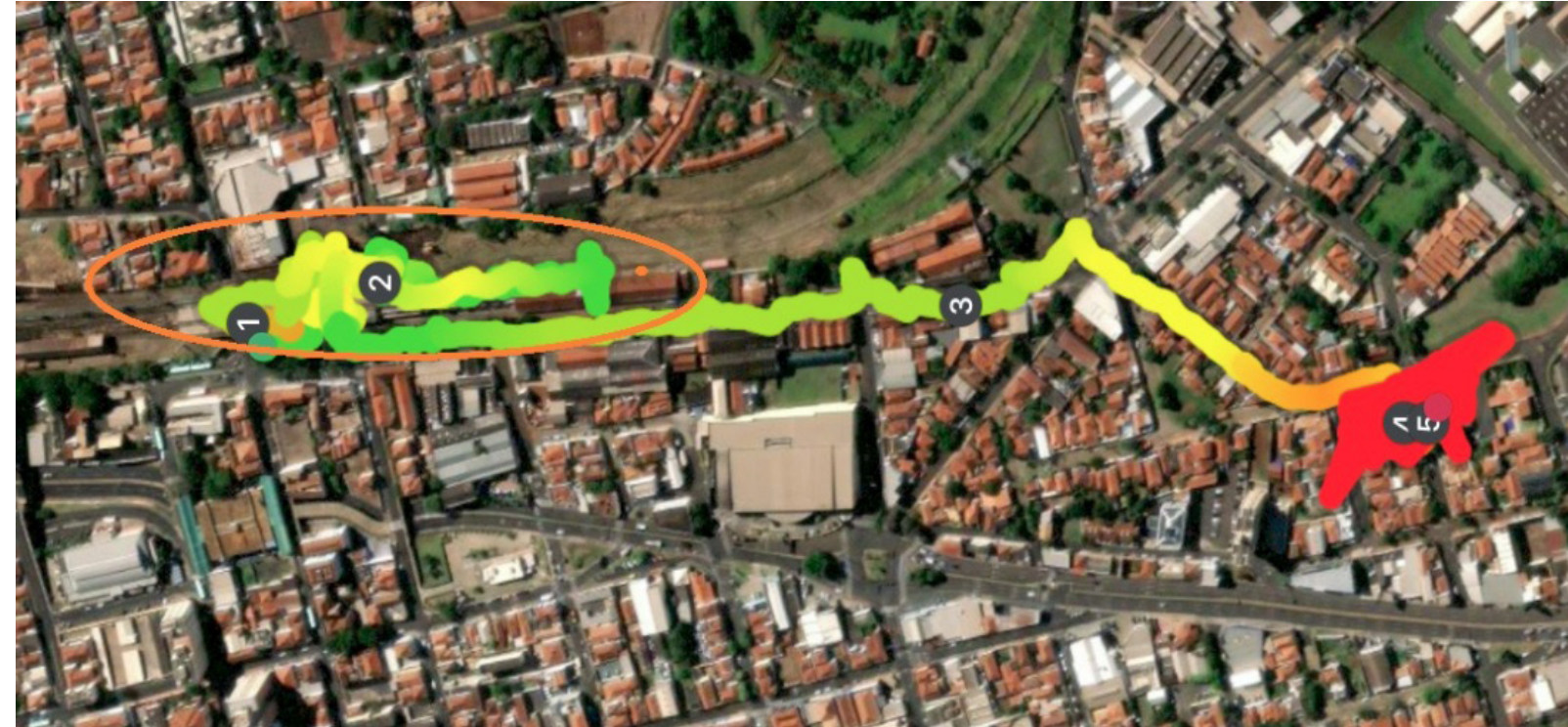
Abstract

This article aims to discuss the connections between the methodological approaches of drift and cartography with oral history, during a research expedition to the railway complex in the city of Araraquara, São Paulo. Based on the debate around ways of identifying and recognizing urban territorialities and on interviews with residents and former railway workers living along sections of the former railway operation, the research highlights that by mapping life stories and the memories of different individuals, oral history can reveal how urban space, its landscapes, and social environments are experienced and understood in diverse ways. In turn, cartography and drift help to contextualize these stories within a broader space, while also enabling the reinterpretation of places based on the trajectories of individuals, allowing the person or group to be guided by the impressions and connections that arise while moving through places.

Keywords: drift, cartography, oral history, memory, subjectivity.

¹ Professor Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCT- Presidente Prudente) e no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo- PPGArq (UNESP/FAAC- Bauru). Doutor em Geografia (UNESP/ FCT- Presidente Prudente).

² Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FEC - Rosana) e no Programa de Pós-graduação em História – PPGH (UNESP/FCL – Assis). Doutora em Educação (UNICAMP – FE).



Caminhar, Sentir e Ouvir

O artigo se abre a uma experimentação de aproximação dos procedimentos metodológicos da deriva e cartografia com a história oral, durante uma expedição de pesquisa a cidade de Araraquara, em fevereiro de 2024 como parte do Projeto Regular FAPESP 2022/15050-2 - SPTrans- Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial, reunindo os grupos de pesquisas “Projeto, Arquitetura e Cidade- Núcleo de estudos em Patrimônio e Projeto”- GPARC/ NePP e “Memória Ferroviária”- MF, da Universidade Estadual Paulista- UNESP, com a participação de alunos de graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e História da UNESP.

Descreve e traz para o debate modos de identificação e reconhecimento dos territórios das cidades que deixaram o protagonismo funcional e produtivo, mas que continuam sendo habitados e guardam acumuladas, camadas dos tempos anteriores materializadas em sua ambiência singular.

Caminha-se ao longo de um trecho da linha férrea de Araraquara (Figura 1), cidade de porte médio do interior paulista, no entorno da Estação Ferroviária, que deixou de ser utilizada, tornando-se uma área em espera e habitada por corpos outros, distantes da cidade funcional e produtiva.

Adentra esse espaço, experimentando essa aproximação com as singularidades, sobreposições e conflitos da prática das metodologias de deriva e cartografia pelo grupo de pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade” e da história oral pelo grupo Memória Ferroviária, apreendendo a cidade subjetiva construída pelos corpos que habitam o lugar.

Nesse sentido, são experimentações em processo que estão se ajustando como fragmentos que se movem, montando, desmontando e remontando, formando constelações e potencializando a visibilidade de ações moleculares do cotidiano da cidade.

Constitui-se, em um momento inicial de um processo de experimentações em que um grupo de alunos e professores de graduação e pós-graduação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e História da UNESP (FCT/ FCL/ FAAC e FEC) dos campi de Assis, Bauru, Presidente Prudente e Rosana, realizam expedições de pesquisa a



ciudades entroncamentos ferroviários do interior do Estado de São Paulo para praticar e refletir suas linhas teórico-metodológicas que desenvolvem (Figura 2).

Desse modo, conduzido pelo processo da deriva e cartografia (Figura 1), os historiadores orais se incorporaram à experimentação. Fizeram essa imersão, mas aberto a utilizarem a oralidade. Assim, se dispuseram a participar de todo o encaminhamento do trabalho de campo à produção de cartografias expressivas e entrevistas com escuta sensível da identificação e reconhecimento do entorno da Estação Ferroviária de Araraquara.

Debaixo de um sol escaldante de aproximadamente 40 graus *celsius*, durante aproximadamente duas horas caminhou-se ao longo dos trilhos da ferrovia, a partir da Estação, para no dia seguinte, em uma sala do hotel sistematizar os dados coletados para construção de cartografias coletivas da experimentação realizada.

Deriva e Cartografia

A abordagem teórico-metodológica da deriva e cartografia desenvolvida pelo grupo de pesquisa GPARC- “Projeto, Arquitetura e Cidade” se aproxima das apreensões afetivas e sensitivas, distanciando-se dos meios representacionais.

Utiliza a abordagem rizomática³ (Deleuze; Guattari, 2011) para acompanhar processos da produção de vida na cidade, dessa maneira, não segue linhas duras e hierárquicas, mas linhas “que se condensam em estratos mais ou menos duros, mais ou menos segmentados e em constante rearranjo” (Passos; Escóssia; Kastrup; 2009, p. 9). Dessa maneira, se afasta de tudo o que é unitário e universal, sendo atravessado pelo campo das multiplicidades, em busca de desconstruir estruturas e certezas.

³ Essa abordagem se aproxima dos conceitos de Deleuze e Guattari (2011), buscando a apreensão e cognição do espaço, distanciando-se dos modelos hierárquicos, centralizadores e lineares. Compõe com os princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura e cartografia. A cartografia expressa o mapa-aberto, diferente da decalcomania. O decalque é cópia, como na estrutura arbórea em que o sistema gerado se repete constantemente, é o pré-estabelecido, é representação. Por outro lado, a cartografia é um mapa que faz ver o retorno como diferença. “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constroi” (Deleuze; Guattari, 1995, p.21).

Nesse sentido, se apresenta como alternativa em busca de expressar as tessituras de relações entre o corpo e a ambiência da cidade, aproximando-se das apreensões afetivas e dos processos cognitivos coletivos. Essa expressão visual e verbal documenta e narra as múltiplas forças presentes na cidade. O resultado é uma cartografia afetiva coletiva em constante atualização. Se colocando como processo, hódos-meta que, “[...] consiste em uma aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (Kastrup; Passos, 2009, p.10), potencializando conhecimento mais dinâmico e aberto, que se adapta aos ritmos e movimentos dos territórios experimentados.

Nessa perspectiva atravessa o recorte espacial de estudo pela deriva como um procedimento metodológico, que utiliza o caminhar como um ato criativo, no qual através das experiências urbanas se pode reconhecer as cidades, inferindo uma caminhada apoiada pelo rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento (Kastrup, 2009, p. 40).

Nesse processo, as experimentações teórico-metodológicas do Grupo de Pesquisa “Projeto, Arquitetura e Cidade”, da Universidade Estadual Paulista – UNESP avançam ao se abrir a evolução do conceito e prática de deriva e cartografia (Hirao; Tarocchi; Frascareli, 2024) compondo e atravessando as camadas de conteúdo desenvolvido pelos mais diversos pensadores da área do conhecimento, desde as experiências das flanâncias com Walter Benjamin, Charles Baudelaire e João do Rio, como observadores e participantes atentos e anônimo na multidão, perambulando e vivenciando as transformações da vida cotidiana da grande cidade modernizada, Paris e Rio de Janeiro, do Século XIX, captando a beleza e a essência efêmera do tempo presente, sentindo o impacto dessa experiência sensível e subjetiva de seus habitantes confluindo em um “estado de choque” e assumindo a figura do flâneur como resistência crítica à lógica da produtividade e consumo do capitalismo (Jacques, 2012).

Passa pela visita dadaísta pelos espaços banais da cidade provocando a cultura institucionalizada e outorgando valor artístico ao espaço e não ao objeto (Careri, 2013). Continua com as deambulações surrealistas com a caminhada sem finalidade e sem objetivo, como experimentação para o reconhecimento da cidade real para entrar em contato com a parte inconsciente do território que escapa e contamina a vida cotidiana. (Careri, 2013).



Depois, revisita os situacionistas que desenvolvem crítica radical ao urbanismo e trabalham a ideia da deriva, com a construção dos mapas psicogeográficos que compõem os efeitos que o ambiente opera sobre as emoções e o comportamento das pessoas (Debord, 2003 [1958]). Atravessa o caminhar, parar de Careri, que se abre aos acontecimentos e, inclusive a ficar parado, ou percorrer dez metros e depois começar uma exploração de um metro quadrado para entender onde estão as formigas, ou seja, eu estou pronto para qualquer outro tipo de experiência". O importante é entrar na situação do "partir", deixar a vida cotidiana para trás e entrar em um estado de viagem, de apreensão daquilo que estou interessado. (Careri et al, 2022). Para ele, o caminhar vai além de ser uma forma de ver paisagens, mas criar, intervir paisagens e vivê-la como arte, como uma prática estética.

Chega-se, à proposta de experiência com a caminhografia urbana de Rocha; Santos, (2023), para compreender os ambientes, suas múltiplas camadas e suas produções de subjetividade, atento aos corpos habitam o mundo e que tecem relações, compondo com as territorialidade singulares como táticas de alteridade.

Dessa forma, adentra a cidade pela deriva cartográfica atravessada pelo afetar e ser afetado em uma aproximação do sujeito com o espaço vivenciado, superando o campo da mera observação tornando o corpo fazedor de mundo, uma relação mútua que registra a cidade no corpo e o corpo na cidade.

O afeto pode ser aqui compreendido como um jogo de forças, em suma, trocas que conectam corpos, acarretando transformações. Por sua vez, tais transformações estimulam novos fazeres, ações, ideias, criações. Deleuze (2002), em seu estudo sobre Espinosa, conceitua afeto como a resposta simultânea dessas trocas na potência de agir, no qual as afecções são as responsáveis por afetar e despertar uma correspondência entre corpos. Spinoza delineia afeto como "(...) as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções" (Spinoza, 2009, p. 93).

Com o afeto, a cidade como multiplicidade compõe com os movimentos de forças diversas, por vezes coexistentes e por vezes conflitantes, que não são anulados pelo vivenciar atento e prático. São múltiplos atravessamentos que despertam os diversos modos de agir.

Nesse sentido, se preocupa com a construção de uma narrativa coletiva composta com os efeitos de contágio e intervenção (Kastrup, 2023), para além da identificação das relações objetivas, produtivas e funcionais, as relações subjetivas, afetivas e existenciais de resistências, de desvio, de linhas soltas e de movimentos aberrantes que escapam da representação hegemônica, expressando forças transversais que habitam o espaço.

O método experimental e processual apreende com essa imersão nas ambiências da cidade, atravessada pelos movimentos do afetar e ser afetado, construindo situações lúdicas construtivas, que se abrem aos eventos, podendo encontrar o outro ao acaso, nessa prática do caminhar indeterminado, se perder para conhecer (Careri et al 2022). Essa prática metodológica identifica e reconhece a cidade em sua multiplicidade e heterogeneidade de seus espaços e da diversidade de seus corpos (Deleuze; Guattari, 2009), atentos às pistas, rastros e pegadas atravessados pelos afetos e pela espessa camada de tempos heterogêneos materiais e imateriais, que a compõem com as coexistências e simultaneidade desses singulares territórios, conflituosos ou pacificados, em movimentos constantes de transformações.

Experimentação

Os relatos e as expressões visuais a seguir, revelam a experimentação realizada em campo com a "abertura atenta do corpo ao plano coletivo de forças em meio ao mundo" (Pozzana, 2013, p.323), confluindo diversas narrativas dos participantes da expedição:

Manhã de 29 de fevereiro de 2024. Decidimos misturar as equipes, saímos do hotel em direção a Estação Ferroviária de Araraquara com alunos de Arquitetura e Urbanismo, Vanessa do 5o., Murilo do 3o. e Marcela do 1o.ano, mais a aluna da pós-graduação, Evelyn, acompanhados do Professor Hélio da graduação e pós-graduação que desenvolvem a metodologia da Deriva e Cartografia; agora juntos com a aluna de História Maria Julia e a professora Livia, da graduação e pós-graduação que aprimoram a Memória Oral.

O início, a caminhada com a atenção flutuante, de um reconhecimento automático do plano instituído das formas urbanas e arquitetônicas afetam e são afetadas pelos corpos dos pesquisadores, encaminhando para o momento do rastreio para serem tocados pelos movimentos moleculares dos acontecimentos:

O processo da Deriva e Cartografia conduziu a experimentação em dia de muito sol e calor intenso. Descemos o Vale, uma avenida corta por baixo o conjunto ferroviário. (Vanessa): Cada cidade possui suas particularidades, e em Araraquara não foi diferente. Algumas coisas ficaram evidentes desde o início. A entrada para essa estação tinha uma característica peculiar. Enquanto nas outras cidades entramos pela entrada principal, aqui adentramos pela escadaria lateral. Foi interessante notar como a vegetação, nesse primeiro contato, criou uma ambiência única, emoldurando a estação e brincando com a luz e sombra que tocava nossa pele. A estação era bem conservada, exuberante e imponente. Ao entrar, descobrimos que havia um museu contando a história da ferrovia em Araraquara. No entanto,

a experiência foi estática: uniformes, RGs, e objetos históricos, mas sem vida, sem alguém para nos guiar ou contar histórias. Isso me fez refletir se essa era a melhor maneira de contar essa história tão complexa (Figura 3).

O momento do pouso na caminhada leva para o reconhecimento atento, as sensações atravessam os encontros entre corpos dos pesquisadores, dos habitantes e da ambiência, as pistas visibilizam territorialidades que afloram micro resistências dos vulnerabilizados:

O som da ausência, grandes pés-direitos, poucas pessoas, ausência depois que as funções originais foram abandonadas, brilho nos olhos dos ex-ferroviários, lembranças teimam em permanecer, agora romantizado (Figura 4).

O chão de concreto desgastado, cheio de trincas, a paisagem ruderal toma conta das brechas entre pisos, muito lindo!- A Lívia foi a primeira a identificar. O piso é uma música orgânica, um som formando diversos desenhos de forma natural, acompanha e marca o movimento que acompanha as transformações do tempo, resiste! que a sola do tênis sente intensamente. (Figura 5)

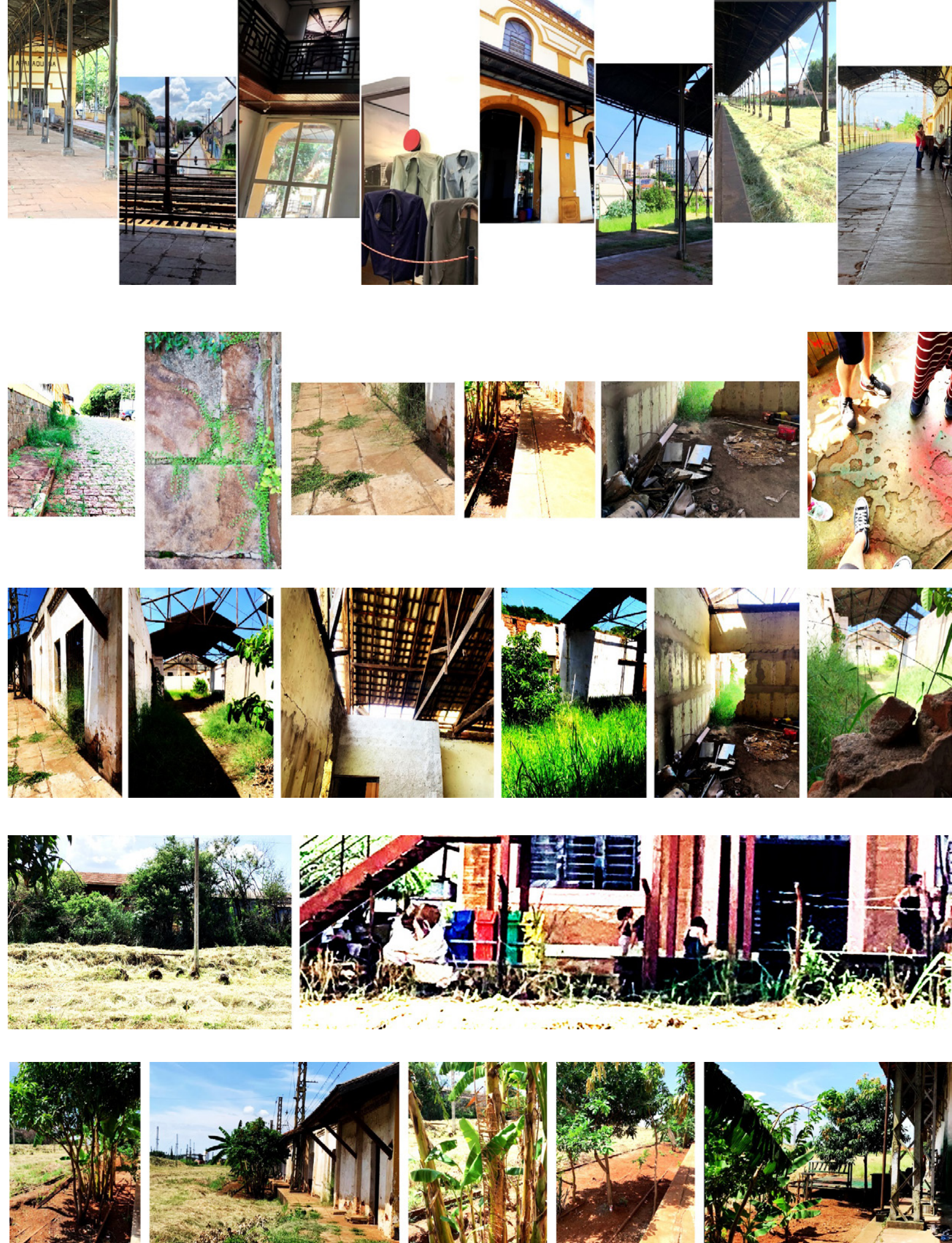
Entramos na ruína, instigante, ambiência inusitadas, luzes e formas inesperadas, a natureza domina, invade, enfim tudo é natureza, resíduos no chão, tudo conta histórias, múltiplas e diversas, excelente para refletir, sinto o som de potências criativas de uso, também dos possíveis, de corpos que precisam de um abrigo, seja natureza, seja humano (Figura 6).

Ao se abrir aos *afetos* que habitam o espaço, nessa imersão, os corpos dos pesquisadores com as múltiplas sensações encontram-se com as forças invisibilizados pela cidade funcional e produtiva colocando em regime de visibilidade os valores existenciais da cidade improdutiva, mas criativa, nômade e produtora de vida. Essa micropolítica se manifesta acolhendo atividades, os quais se manifestam cuidando e zelando a ambiência, demonstrando seu pertencimento ao lugar:

A Lívia, nos chama a atenção, que música linda estou ouvindo! sinto o movimento de corpos, de bailarinas que dançam ao som de uma música clássica, que só o olhar atento, depois do desatento ouve, lindas bailarinas acompanhando o movimento de um edifício antigo entre as folhagens (Figura 7).

Quanto cuidado! um pomar muito bem cuidado, sentimento de pertencimentos das pessoas com esse lugar, nenhum deles agora, só luz e sombra, e o som das folhas e frutos a invadir nossos ouvidos (Figura 8).

Depois de sentir esses diversos sons, encontramos pessoas trabalhando em uma oficina que ocupa um dos antigos galpões. Um senhor simpático nos atende, começa a contar histórias vividas, o grupo fica atento, a Lívia e a Maria Júlia ficam entusiasmadas, é um ex-ferroviário, chegam a marcar outro horário para entrevista, mas a conversa flui, ouvimos atento o som, o som de histórias vividas ou imaginadas, lacunas e ruídos invadem as narrativas de corpos que mantêm outros tempos na memória e esquecem de outras.





Dessa forma, as metodologias da deriva, cartografia e história oral confluem na apreensão da realidade, da vida cotidiana que atravessa o Patrimônio Ferroviário de Araraquara, de uma perspectiva atual, compõe em constelações com os fragmentos de memória de outros tempos, habitando e vivenciando o lugar para construir cartografias.

Expressão Cartográfica

Logo após a deriva realizada, o grupo se reúne e inicialmente troca as múltiplas sensações sentidas no percurso, sem nenhuma censura ou restrição, escrevem um texto sem nenhuma sequência estabelecida, cada caminhante constrói um ou vários parágrafos.

Na sequência, expressam em formas e cores, as sensações apreendidas, da técnica que cada um domina, com os objetos coletados, em desenho como o lápis de cor e canetas hidrográficas (Figura 10).

Essa produção coletiva registra o movimento das sensações dos múltiplos, heterogêneos e diversas territorialidades e sensações que habitam o conjunto ferroviário da Estação de Araraquara, atravessando o tempo, os corpos e as ambiências, relatando as diversas ações moleculares que resistem e persistem como potências de um cosmos possível na cidade contemporânea, a serem construídos por todos.

Esses lugares que perderam a funcionalidade inicial e por estes abandonadas, agora habitadas por outros corpos, produz outros sons, tão sensíveis como os originais, em processo de desterritorialização e reterritorialização⁴, em constante transformação compondo com o devir e a alteridade, precisam de continuidade com intervenções que não pode ser de limpeza ou higienização, o porvir precisa ser construído coletivamente

4 “Quando, em contato com espaços desconhecidos, busca-se repouso em um lugar de segurança, o modo como saímos deste território diz respeito aos processos de desterritorialização. Esse movimento se relaciona ao errante” (Jacques, 2008, p.7), que ao perder-se acaba se desterritorializado para posteriormente se reterritorializar.



considerando os heterogêneos afetos que habitam o conjunto ferroviário, de acordo com a expressão da deriva e cartografia realizada.

História Oral e sua prática reflexiva

Como espaço de reflexão, prática metodológica ou como projeto, a história oral tem apurado seu olhar para os modos de planejar, fazer e operar, a partir do diálogo e de pesquisas narrativas, oferecendo uma reflexão sobre como o conhecimento histórico é construído e como as experiências individuais e coletivas formam a narrativa histórica. Portelli (2016) apresenta a história oral como “arte da escuta” e processo de coautoria, no qual questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade, afeto e diálogo moldam a própria agenda do pesquisador, resultado dos encontros políticos, culturais, linguísticos e epistêmicos que têm lugar nos diversos territórios da vida.

Ao caracterizar quem pratica história oral como uma comunidade de escutadores, Rovai (2015) nos lembra que para além dos ouvidos, precisamos ter o cuidado com o tempo, a paciência e a sensibilidade constante para reconhecer que o outro contém em si o saber. Seu processo central está diretamente ligado à capacidade do pesquisador ou do entrevistador de ouvir ativamente e com empatia os relatos das pessoas, permitindo que suas histórias sejam compartilhadas de forma respeitosa. Essa “escuta” vai além de simplesmente ouvir palavras; ela envolve um engajamento profundo com o conteúdo, as emoções e as experiências do outro, criando um espaço de confiança, onde o interlocutor se sente confortável para revelar aspectos profundos de sua experiência, muitas vezes carregados de emoção, traumas ou reflexões sobre o passado. A história oral se baseia na ideia de que as experiências pessoais e as vozes dos sujeitos têm um valor significativo na construção do conhecimento histórico.

Na última década, a história oral se fortaleceu como grande ferramenta para a produção de conhecimento sobre a relação dos seres humanos, também como ato político, dever de memória e pertença cultural. Ao ampliar as vozes dos indivíduos cujas experiências não estão representadas nos registros históricos convencionais, ela

ajuda a questionar as narrativas dominantes e as estruturas de poder estabelecidas. Muitas vezes, os relatos orais são provenientes de grupos marginalizados, como comunidades indígenas, populações negras, mulheres, trabalhadores, e pessoas que viveram sob regimes autoritários ou em contextos de opressão. Essas narrativas se tornam formas de resistência e de reinterpretação da história oficial, muitas vezes silenciada ou distorcida.

Rodeghero e Weimer (2021) apontam ainda que fazer história oral oferece uma mescla do tempo do narrado e do tempo da narrativa, um encolhimento do espaço público em prol do privado, o compartilhamento de experiências entre entrevistadores/as e entrevistados/as, refletindo sobre necessidade de falar e de registrar como imperativo para todos/as.

Segundo Santhiago (2021), “depois da eclosão da pandemia a história oral feita no Brasil tem procurado responder às demandas que lhe foram colocadas para o desenvolvimento de ações de documentação urgente, e aos desafios que esses empreendimentos implicam”. Para o autor, em um primeiro momento, essas iniciativas têm se voltado à construção de acervos – seja para “uso futuro” ou para divulgação imediata, com objetivos distintos. De qualquer forma, também no âmbito da pesquisa e da investigação temática e monográfica a história oral tem se mostrado útil e viável, na documentação de crises naturais, políticas, sociais e sanitárias, durante e após seu desenrolar (Cave; Sloan, 2014; Clark, 2009; 2011).

Santhiago, Borges e Rodrigues (2020) mostram como o campo da história oral tem valorizado e apoiado institucionalmente a capacidade reativa da história oral diante de crises, internacionalmente. A variedade dos temas de projetos nesse âmbito demonstra a amplitude das situações de crise nas quais a história oral pode adquirir relevância pública na mobilização em situações urgentes, incluindo guerras, desastres naturais, repressão política, econômica e/ou étnica, de saúde, direitos humanos, ou outros eventos atuais em proporção de crise.

Cada entrevista realizada pela expedição da presente pesquisa⁵ trouxe construções dialógicas, privilegiando o relato de experiências individuais que tenham adquirido relevância coletiva, através de entrevistas de história de vida com dez moradores e antigos ferroviários, residentes em trechos férreos da antiga operação ferroviária no estado de São Paulo, na cidade de Araraquara, a partir de temas como as mudanças das relações laborais, de saúde, lazer e de afetos, entre outros.

Assim, justifica-se que este artigo assuma uma ampla discussão sobre os desafios metodológicos, éticos e políticos da mobilização da história oral como ferramenta para documentação de sistemas de transporte e a gestão pública de seus vestígios, a partir dos diversos aspectos da vida social, contribuindo assim, para a compreensão de que a escuta, por meio do instrumento de pesquisa mobilizado, permite compreender dinâmicas mais amplas sobre modos de identificação e reconhecimento das territorialidades das cidades. Denominam-se de territorialidades essas marcas da coletividade impressas em um território, para compreender e apreender esse processo de apropriação do espaço e de constituição de uma identidade. Esses territórios, muitas vezes, guardam memórias e práticas que não estão visíveis nas narrativas oficiais ou nos registros históricos formais, mas que continuam a influenciar a dinâmica social e cultural do tempo presente.

⁵ As abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas.

Naquele tempo era bem diferente aqui, não tinha uma praça e era um campinho né. Não tinha praça, já tinha o campo da ferroviária, que isso aí já é mais antigo, não é? E... E a gente... E aqui morava outras pessoas né, que foi mudando. Então a gente veio para cá, agora depois parou a ferrovia praticamente, não é? A ferrovia não tem mais... infelizmente, a ferrovia acabou, não é? Porque hoje é só carga. Não tem mais nada. Mas maioria que mora aqui em torno da ferrovia já mora pelo menos uns trinta e pouco anos. Então as vezes eu vou sair e o meu vizinho sabe que eu vou sair. As vezes pega, praticamente toma conta da casa. Ou qualquer coisa dá um alô para ele, um outro aqui... Então a gente tem a vantagem de ser isso aí. Tem lugar que o vizinho não conhece o outro, não sabe nem o que é. Aqui a gente conhece todos os vizinhos praticamente, não é? Porque todos aqui moram a praticamente a trinta anos também [riso]. Então a gente se conhece ainda, apesar de ter mudado muita coisa! Então aqui a gente tem amizade com tudo eles ainda, então está bom. Então, tem essa vantagem. Porque... não tem mais segurança como antes, mas a gente pode contar com os vizinhos (José Roberto).

Meu marido era ferroviário e trabalhava na Fepasa. Aliás, eu conheci meu marido no trenzinho da máquina de... lenha, lá em Terra Roxa, São Paulo. Tinha a estaçãozinha que tinha aquele trem maria fumaça, chamava. Conheci ele lá, trabalhava lá porque lá tinha o trem. Com o passar do tempo, a gente se casou, com o passar do tempo arrancaram tudo aquilo lá, mudaram tudo aquilo lá e transferiram ele pra Bebedouro. Aí transferiram ele pra cá, pra Araraquara. Aí nós viemos pra cá e entramos aqui nessa casa. Conseguimos comprar essa casa quando a Fepasa começou a vender, nós conseguimos aqui. Mas aqui era super diferente, eu podia sair de casa, eu não tinha aqui o muro alto, era baixinho, eu podia sair, trabalhar, meus filhos ficavam aqui, não tinha problema nenhum, nenhum. Hoje em dia você não pode ficar sem o portão trancado, entendeu? Hoje em dia você não tem mais essa liberdade. Meus filhos foram criados aí na rua, foram criados aí na pracinha, era assim. Era muito bom, só que agora eu não sei, as pessoas mudaram né, porque as pessoas mudam e mundo também. Era bom, foi bom, meus filhos tiveram uma infância boa. Subiam em árvores, eles, meu filho caçula aprontou até, mas foi uma coisa boa. Porque também, na época não tinha celular, não tinha, magina, não tinha mesmo. Então vivia pra rua e a gente confiava também, porque não tinha problema de droga. Hoje em dia você não pode ir ali na praça ao lado da estação ferroviária. Experimenta ir ali na praça pra você ver como que está aquilo ali. Eu estou falando dessa porque eu moro aqui perto e eu frequento ali. Podia deixar, agora não pode, mas na época podia ficar tranquilo, não tinha nada disso (Alexandrina Braga).

Agora é só trem de cargueiro, só. Passageiro não tem mais faz tempo, faz muitos anos, desde que venderam a Fepasa não tem mais passageiro, nossa faz muitos anos, mas era muito bom. Muito bom mesmo! Ai, dá saudade! A gente saía com as crianças pequenas meia noite, descia e ia lá na estação a pé porque não tinha ônibus pra gente pegar o trem e ir pra São Paulo, chegava lá em São Paulo de madrugada, sete, oito, nove horas da noite. Mas era muito bom, no trem tinha tudo que você queria, sabe? Tinha o carrinho do lanche, mas era muito bom, era divertido. Agora hoje em dia só cargueiro, só

carga. Meu filho fala que tem trem assim o dia inteiro, a noite inteira, mas é cargueiro né. Vai pro Mato Grosso, não sei pra onde. Mas faz uns dois anos que eu não vou mais na estação ferroviária. Mas lá na estação era... tinha feira dos assentados. Eles faziam uma feira de verduras, de quinta feira, uma feira muito boa, era muito boa! Mas a gente percebia o abandono sabe, o mato, os trens abandonados, a estação, dava saudade daquele outro tempo (Débora Basso).

A história oral permite que as histórias dos moradores, trabalhadores e outros sujeitos que viveram ou vivem nesses espaços ferroviários sejam contadas a partir de suas próprias perspectivas. Muitas vezes, essas vozes podem ter sido marginalizadas ou silenciadas pelas narrativas dominantes. Ao ouvir essas pessoas, é possível entender como elas percebem e se identificam com esses territórios, reconhecendo a importância de elementos que podem não ser reconhecidos oficialmente, mas que são profundamente significativos para a identidade local, como por exemplo as mudanças nas atividades de lazer, analisadas a partir da transformação do próprio território.

Aqui no bairro tem a igreja católica ali, Nossa Senhora das Graças que eu vou sempre. Único lugar que eu vou. Toda semana, eu vou assim, na ginástica ali no Cear, que fica um pouquinho pra lá da frente, do campo da ferroviária. Vou lá segunda, terça, quarta e quinta, vou lá. Vou ali, vou ali no bar. Sabe, tem o boteco ali da esquina, às vezes sexta-feira meus filhos “vamos mãe”, a gente vai, toma uma cervejinha, come uma panceta, gente boa. Meu vizinhos aqui são todos bons. Não são aqueles de antigamente, mas os vizinhos que eu tenho aqui são ótimos. Se eu precisar eles me ajudam, se precisar de mim eu estou lá sempre ajudando também, ficar doente eu estou pronta. São assim, nós somos unidos aqui também. Eu não posso falar mal de jeito nenhum. Ó, o lugar quem faz é a pessoa. É a pessoa que faz, qualquer lugar que você for, é você, é você que tem que ser o melhor, pra você transmitir pras outras pessoas também. Entendeu? É assim. E assim eu ensinei meus filhos. Meus filhos são muito queridos aqui, meu filho mais velho jogou na ferroviária muito tempo, era um ótimo jogador, mil novecentos e noventa, noventa e quatro, ele era um ótimo jogador do ferroviária (Alexandrina Braga).

Brincadeiras de criança assim, eu tive só lembrança boa aqui, brinquei muito com meus vizinhos que hoje não moram mais aí, quando eles eram crianças também, o pessoal dali, as meninas que moravam ali também, já não existe mais, muitos avós deles já morreram, num tem mais ninguém assim, praticamente, da minha infância, aqui no bairro mais. Brinquei muito ali no campinho da atlética da ferroviária. Que eu acho que os proprietários dessa área, que iniciou a ferrovia, eles abandonaram porque tem um potencial enorme a área, esse campinho na verdade ele sempre foi assim, meio que abandonadinho, nunca foi melhor que isso não, pessoal vem jogar futebol de várzea todo domingo, aí eu escuto a galera fazer até é..grito de guerra, dos jogos e tal, mas é um futebol de várzea comum, num tem um investimento assim pra um benefício mesmo pra comunidade, tanto é que o espaço aqui tá todo tomado de mato, tem esse terreno que meu avô cuida de quando ele mudou nessa casa e que como ele não pode mais, outro dia eu tomei a frente e fui capinar o terreno, porque eu não gostaria que ele se transformasse em um estacionamento (Débora Basso).

Ao falar sobre as mudanças nas atividades de lazer em um espaço ferroviário, é importante reconhecer não só as transformações urbanísticas, mas também as histórias e memórias que as pessoas compartilham sobre como interagiam com esse espaço ao longo do tempo. A transformação desses espaços não se resume a uma simples modificação física ou funcional. Ela afeta diretamente a memória coletiva das comunidades. A memória das pessoas sobre os tempos em que o trem era uma parte integral da vida cotidiana traz à tona não apenas o aspecto da mobilidade, mas também de encontros, despedidas, tristezas e viagens emocionantes. O trem, a estação e os arredores foram, e ainda são, mais do que simples pontos de passagem — são locais carregados de emoções e de significados que marcaram, e continuam a marcar, a história da cidade de Araraquara e de seus habitantes.

Dessa maneira, reconhecemos que as memórias são múltiplas, coletiva/social e individual, e seus usos são permeados por representações, subjetividades, expectativas e disputas, que segundo Portelli (2016), enquanto elaborações do vivido, foram consideradas em suas subjetividades, esquecimentos, distrações e silêncios.

Mas eu lembro, eu lembro ainda do tempo que tinha trem de passageiro, tinha trem de passageiro. Às vezes eu ia pra Barretos visitar a minha mãe no trem de passageiro. Demorava demais, mas era um transporte que a gente não pagava por ser da ferrovia. Então a gente tinha carteirinha para poder viajar. Falar que era um tempo muito bom? Não, não era. Não era. As pessoas tinham todo esse orgulho, esse nariz empinado, mas não era bom. Ai se ganhavam muito bem. Não, não ganhava. O que tinha era bastante possibilidade. Tipo assim, tinha a casa pra morar e vinha descontado tipo dois reais do pagamento da casa. Porque mudou né o caminho da ferrovia, mudou. Então o trem não passa mais aqui, passa lá por cima. Então tá tudo abandonado, virou um matagal no meio da cidade. Faz o que, uns oito anos, vai fazer oito anos que está esse prefeito aí, ele está no segundo mandato. Um prefeito antes dele tinha feito um projeto de fazer uma, uma área, de tirar os trilhos, fazer alguma coisa ali sabe, mas aí ele saiu e esse prefeito deixou abandonado. Tá tudo abandonado, sabe (Ercília Lino)

Quando eu era pequeno a gente ia para São Paulo, por exemplo. Pegava o trem aqui às dez e oito da noite, quando o trem apitava tem gente que acertava o relógio porque era dez e oito e ponto, não é? Agora não tem mais nada. Agora passa de vez em quando algum trem de carga. Não tem mais nada da ferrovia praticamente. A contadoria, que era a parte do escritório da ferrovia também, hoje mudou tudo, não tem quase nada da ferrovia lá. Então eles acabaram com tudo. E não tem jeito de voltar. Então tem que ir daqui para frente, sempre na frente (José Roberto).

Na nossa infância nós vinhamos de São Paulo pra cá de trem né. Pegava em Jundiá e vinha pra cá. Então, acho que ele faz muita falta. Se os governantes fossem bem inteligentes, o trem ele não ia acabar, essa linha não deveria sair; ela deveria ser como antigamente trazer turista pra cidade, por exemplo. O trem vinha pra Araraquara, que a gente vinha de São Paulo pra cá visitar os parentes de trem, e era muito legal, barato e uma viagem tranquila. Então, eu acho que o trem é... Ele deveria continuar, pelo menos nos finais de semana, ali na sexta à noite, sábado. Que nem antigamente ter garçom, ter cozinha sabe?! Lindo né, aquelas pessoas bem chique que hoje não

se vê mais. Então a gente lembra dessas coisas. Na nossa infância era muito lindo assim, as pessoas passeando; todo mundo com as suas malas e conhecendo outros lugares de trem. E hoje acabaram com tudo. Passaram com o trator derrubaram tudo. Os trem todos de inox, lindos que fazia a viagem de passageiro pra cá, tudo lá jogado. E a nossa riqueza tudo as linhas, tudo abandonado, os postes de luz postes tudo jogado, os vagão tudo enchendo de dengue (Neide Aparecida Cruz).

As narrativas podem ajudar a entender como as pessoas se apropriam dos espaços urbanos e constroem suas identidades. Mesmo quando um território perde seu papel produtivo, ele ainda pode ser reconhecido e valorizado por suas características culturais, afetivas ou históricas. A história oral contribui para o reconhecimento de uma identidade coletiva ligada ao lugar, mesmo que esse espaço tenha mudado sua função original, destacando a arquitetura, a paisagem, as práticas cotidianas e as histórias locais que formam a identidade singular do território e da cidade.

Ler a cidade, como sabemos, é apostar em determinadas histórias, memórias, sentidos e sujeitos. Em outros termos, para orientar o olhar e a interpretação é preciso escolher quais linhas de força seguir. No desafio de escovar a história a contrapelo, pelo avesso e por dentro, será preciso escavar outros acontecimentos e subjetividades barrados pelas narrativas hegemônicas.

Assim, a escuta sensível dentro da metodologia de história oral vai além do simples ato de ouvir. Ela envolve uma escuta atenta, empática e reflexiva, com o objetivo de captar as nuances, emoções e significados que as pessoas atribuem às suas experiências. Essa escuta requer uma postura ativa do pesquisador, que deve ser capaz de interpretar e compreender o depoimento não apenas pelas palavras ditas, mas também pelo contexto, pelo tom de voz, pelas pausas, pelos silêncios e pelos gestos que acompanham a fala.

Nesse sentido, as narrativas coletadas pela história oral podem ser vistas como um mapa subjetivo da experiência, representando a maneira como as pessoas percebem e constroem seus mundos. Ao mapear as histórias de vida e as memórias de diferentes sujeitos, a história oral pode revelar como o espaço ferroviário, suas paisagens e os ambientes sociais são vividos e compreendidos de maneiras diversas. Por sua vez, a cartografia e a deriva ajudam a contextualizar essas histórias dentro de um espaço mais amplo, enquanto também possibilitam a reinterpretação dos lugares com base nas trajetórias dos sujeitos, permitindo que o indivíduo ou grupo se deixe levar pelas impressões e conexões que surgem ao percorrer lugares. Esses procedimentos metodológicos se cruzam no foco em experiência vivida, subjetividade e percepção.

Caminho que se abre

A experimentação realizada se mostrou potente na aproximação da cartografia e história oral mesmo em um momento inicial de composição. Elas se complementam para narrar a realidade e a produção de vida das cidades, considerando os diversos corpos que a habitam.

Ao mapear as histórias de vida e as memórias dos sujeitos, é possível perceber como o espaço, antes marcado pela atividade ferroviária, continua a ser vivenciado de formas diversas, carregando significados que ultrapassam sua funcionalidade original. A deriva e a cartografia, ao permitirem uma leitura sensível e imersiva do território, possibilitam novas interpretações dos lugares, conectando o passado ao presente através das



trajetórias pessoais. A história oral, por sua vez, ao amplificar a voz de moradores e antigos ferroviários, revela a subjetividade e as memórias que moldam a identidade local, reconhecendo que as memórias são múltiplas, coletiva/social e individual, e seus usos são permeados por representações, subjetividades, expectativas e disputas. Em conjunto, essas metodologias não só ampliam a compreensão sobre a cidade de Araraquara, mas também evidenciam a importância da experiência vivida, da memória coletiva e da percepção individual como instrumentos de reconexão com o espaço urbano e seus significados profundos.

Nesse processo em constante movimento de transformação de seus contextos políticos, econômicos e sociais, se afastam dos modelos, das uniformizações e das padronizações dos modos de viver a cidade, atravessando a multiplicidade, heterogeneidade e diversidade que habitam a cidade contemporânea (Figura 11).

As lacunas e os ruídos entre os procedimentos metodológicos sempre permanecerão neste movimento, no entanto, se aproximam com intensidade da apreensão e cognição das questões subjetivas das experiências vividas pelas pessoas na cidade. Nesse sentido, é um caminho que se abre para novas experimentações.

Agradecimentos

Este processo desenvolvido faz parte das expedições técnico-científicas realizadas pela Pesquisa Regular Processo FAPESP no. 2022/15050-2 – “Sistemas de produção do transporte: metodologias multidisciplinares em história do transporte e patrimônio industrial”.

Referências

CARERI, Francesco. *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARERI, Francesco; CHAPARIM, Matheus Alcântara Silva; CAON, Paulina Maria. Entrevista com Francesco Careri – a Internacional Situacionista e as derivas contemporâneas. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, v. 20, p. 255–278, 2022.

Figura 11 - A cidade da multiplicidade, heterogeneidade e diversidade. Fonte: Grupos de Pesquisas GPArC e MF.

CLARK, Mary Marshall. Field notes on catastrophe: Reflections on the September 11, 2001, Oral History Memory and Narrative Project. In: RITCHIE, Donald A. (Org.). *The Oxford Handbook of Oral History*. New York: Oxford, 2011. p. 255–264.

CLARK, Mary Marshall. Vídeo-testemunhos sobre o holocausto, história oral e medicina narrativa: a luta contra a indiferença. *Oralidades*, v. 6, p. 150–166, 2009.

CAVE, Mark; SLOAN, Stephen M. (Orgs.) *Listening on the Edge: Oral History in the Aftermath of Crisis*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

DEBORD, Guy. *Teoria da deriva*. Original de 1956, publicado na revista *Les Lèvres Nues* e republicado na *IS 2* em 1958. In: *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – vol. 1: Capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

HIRAO, Hiroshi; TAROCCHI, Claudio Salgado; FRASCARELI, Marcia Barone. Walking and expressing the city collectively, a teaching-learning experience in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v. 12, p. 307–318, 2024.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008.

KASTRUP, Vera. A escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 9, p. 160–175, 2023.

KASTRUP, Vera. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vera; ESCÓSSIA, Luiz Paulo. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vera; ESCÓSSIA, Luiz Paulo. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POZZANA, Luiz Augusto. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 323–338, 2013.

ROCHA, Eloísa. Revolucionar. In: ROCHA, Eloísa; SANTOS, Tânia Bianchi. *Verbolário da caminhografia urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

ROCHA, Eloísa; SANTOS, Tânia Bianchi. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*, São Paulo, ano 24, n. 281.05, Vitruvius, out. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>. Acesso em: 15 maio 2025.

RODEGHERO, Carla Simone; WEIMER, Raquel Adorno. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: tempo, testemunho e história. *Revista Estudos Históricos*, v. 34, n. 74, 2021.

ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. A ética da escuta: o desafio dos pesquisadores em história oral. *Testimonios*, n. 4, p. 109–120, jan. 2015.

SANTHIAGO, Ricardo. Levantando a quarta parede: história oral e entrevistas públicas. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, n. 2, p. e37272, 20 maio 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade; RODRIGUES, Rogério Rosa. O devir público da história no tempo presente: outras linguagens, outras narrativas. *Revista Canoa do Tempo*, v. 12, n. 01, p. 13–38, 7 out. 2020.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.